

O ARANHÃO

Maio 1944

6.º Número

O jornal de reportagem e expansão em Portugal

Progresso

Surgiu o mundo; depois o homem...
E esse ser multiplicou-se, espalhou-se pela superfície da terra, estabelecendo pelo seu trabalho o seu lar, longe de tudo e de todos colhendo da natureza tudo o que ela lhe poderia dar. Era a vida!... A luta pela existência.
Agrupam-se, formam nações procurando talvez dentro dos princípios da justiça estabelecer a segurança e o bem-estar que lhes traria a felicidade. Mas ambicionam mais do que o socorro, procuram glória... e glória vão buscar.
E então o mar assiste à corrida louca das naus das descobertas, procurando louros na desgraça e infelicidade dos vencidos. Heróis sonhadores, depositaram para sempre, no fundo do mar emenso, os seus mais risonhos ideais.
E a glória vem, mas tingida do sangue dos seus bravos que tudo sacrificaram, tudo desprezaram para realizar um único fim: glorificar a sua pátria.
O mundo progride, assistindo a lutas cada vez mais ferozes entre os homens procurando apenas conquistar tudo o que possível fôsse para satisfazer a sua ambição louca.
A civilização caminha a passos agigantados e as lutas, cada vez mais medonhas, multiplicam-se por toda a parte.
Chegam os nossos dias, o século máximo da civilização; poderosas fortalezas flutuantes sulcam os mares enquanto que pesadas máquinas voadoras correm vertiginosamente através do espaço procurando quantas vidas inocentes.
Mas o homem é uma vítima do progresso e lança-se na guerra sem saber bem o que quer. O mar, outrora sulcado por frágeis naus em busca de glória para a felicidade dos homens, só vê hoje correrem sobre as suas vaporosas ondas pesadas sementeiras da morte; o ar, em tempos só das aves, é hoje mais um elemento onde se procura a destruição, a desgraça e a miséria.
Na terra, o mesmo espetáculo, tudo se procura para exterminar o que os outros com tanto trabalho e sacrifício fizeram para descanso das gerações futuras.
Mas a ambição dos homens não deixa de trabalhar para infelicidade nossa, procurando impedir sempre que a felicidade e a justiça reine no mundo.
E o mundo roda, a guerra passa e anos depois, apenas resta como recordação, uma

narração espaventosa na história do vencedor e a dor daqueles que nela perderam os seus queridos entes. Então o homem julga, por momentos, poder enfim construir um mundo bom sobre as ruínas do infeliz passado.
E será isto o progresso?.....

JOSÉ ALFA.

Preconceitos.....

Preconceito - palavra que se pronuncia a cada momento e da qual não medimos a influência sobre a moderna sociedade.
Ela torna hipócrita o homem, porque, quantas vezes isso sucede, o coloca em embaraçosos dilemas e é, tomando a acidez da crítica alheia, envereda pela senda da mentira, da hipocrisia, do mal e são essas as causas que tomam pusillânimo, por vezes, uma sociedade do século XX e que se diz civilizada!
Preconceito - palavra odiosa que constrange o querer e que, qual titânica mão, cerra as bocas, sufoca as vozes.
De que época remontarás? Até quando existiras? A tua origem deve perder-se na poeira dos séculos passados mas, até quando durará a tua existência?
Esta pergunta é de mais fácil resposta - Quando os homens, por uma evolução lenta, mas firme, possuírem a virtude da firmeza de carácter.
Transformem-se, pois, em prole do progresso e da civilização, todos aqueles cujos cérebros estão civados de preconceitos ridículos!

DINO.

Na obra assombrosa das nossas descobertas e conquistas e nas glórias criações da nossa civilização colonial moderna, o comerciante português escreveu páginas admiráveis afirmando que uma destinação histórica fez do homem de tráfico o braço do homem de armas e dos dois as colunas mestras do Império.

Joaquim R. da Fonseca.

Saudades a alma das emersas distâncias.

Pobre mundo!...

Como a vela d'azinha pequenina,
que rodando, rodando sem parar,
Eu estou vendo daqui lá na colina,
Também o mundo roda sem cessar!

Que ôle ande ou desande, não importe,
Foi o trilho que Deus lhe quiz traçar
E qual sentenciado, n'alma a morte.
Sua pena tem que cumprir sem vacilar!

Mas que culpa tem esse desgraçado,
P'ra que no seu corpo, peste, disladrado,
A guerra, um microbio sanguinário?

Ser tragado por um ser tam imundo,
E cruz muito pesada, oh, pobre mundo,
Que não podes levar 'te ao calvário!...

SEPOL.

Quebra

Cabeças

... Charadas

Combinadas

-- co | cume.
-- ivo | prejudicial.
-- ar | ranger.
-- dio | rancor.

C. T. - Filme

-- gueta | cassaco.
-- redor | homem que varre.
-- bra | vinco.

C. T. - Porco selvagem.

-- ma | orlada.
-- cho | bando.
-- ver | existir.

C. T. - Arsenideo.

A. Monteiro.

-- sano | ventarola.
-- ga | homem,
-- as | que rei.

C. T. - Veneza Lusitana.

A. F. C.

MAIS HOVERA... MAIS COMERA...

Já tinham informado os postos esptores,
para bem dizer, os menus, que mais dia
menos dia nos haviam de surgir as
belas lacs que tam longas saudades nos
tinham deixado.

Rafael! Na quinta-feira, horas antes do
almôço em todas as bocas se ouvia: hoje
as lacs; dizendi seguidamente, irei co-
zer para uma semana.

Os de Pilões se dirigiram para os

Anedotas

Primeira

(Ma aula de Francês)

O professor: Diga-me o género e o número
dessa palavra.

O aluno: é do singular e está no plural.

Segunda

O professor: A que família pertence a
ave-cruz?

O aluno: á das aves de rapina.

M. & T.

Fresquinhas...

I. P. E.-3- O gerente do Hotel Pilão
comunicou á Emprensa que é esperado ôto
ano, o senhor Bacharel "Pilhão Verde",
que é grande admirador do cabelo crescido
por isso o pessoal do Hotel (Os Pilões)
para o arrelhar, cortaram o cabelo quasi
rente.

FAVAS.

RÁDIO ANTENAS

Horário das emissões em português
Ondas curtas, (por causa do pilão) -

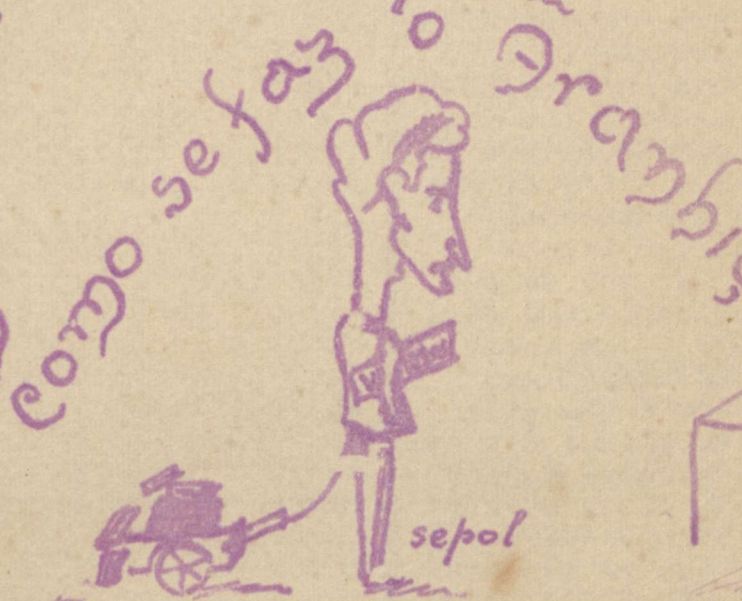
- 8. 15 e 23,45.

Ondas médias - 9.30 e 24.

Ondas compridas - 6 e 14,25.

Os claustratos não pensando noutra coisa se-
nào em encher a barriga. Não se comeu
sopa - mas os cozinheiros cometendo um sa-
crilégio se nos deram a cheirar.
Assim terminou a aventura das tam apaga-
das lacs.

Afonso Henriques.



Visita ao Glentejo

As despertar d'aurora dum dia cheio d'alegria, onde pairava uma fresquidão anena, partiu de Restauradores um cavalheiro, com um certo ar de imperância, (impertinência que não é capaz de ferir a susceptibilidade de quem quer que seja) com destino ao Glentejo com o fim, de si, tomar um vapor da rota de Cacilhas. Quando chegou à universitária terra, embarcou numa caminheta. Partiu, deixando na sua retaguarda os cambiantes glaucos desse querido Tejo. Entrara no Alentejo; qual provincia mais atraente! Recordações levava da cidade de Ulysses, mas em breve secubiram!... Contemplava os férteis campos, como há muito já não os vira!... Aqui e ali varas de porcos vagavam!... Aves que vinham dar "os bons dias" aos camponeses que já há muito estavam cumprindo o seu dever sagrado!... Enfim chegara a um nasquino burgo!... Sua alma esmorecera pelo ar viciado que lhe ultrapassava as suas narinas! Viagem áyante, continuara na sua observação metódica! Mais adiante surge um rancho com os seus traços característicos, cantando e bailando! Mas como é belo viajar! dizia ele, não há tristeza que me arrebatasse, mas sim a alegria. Alentejo!... Alentejo!... Como me apraz ver-me no teu seio cheio de carinhos! Todas te podem desdenhar, não eu, pois sou para mim, aquele ídolo que os mais tem.

Depois de tanto caminhar, através dessa

região tão fértil em trigo, chegara ao seu destino! Arribara Elvas. Cidade antiga, mas digna de ser observada minuciosamente! Assim o fez; percorreu tudo o que lhe foi possível, desde as portas d'Oliveira, até ao mais alto ponto, que é o celebre Forte da Graça!... Belezas arqueológicas existem também ali! Enfim, tudo de mais belo. Ficara-lhe para sempre na mente, a viagem tão maravilhosa ao país das neuras encantadas!...

TURZA+

As andorinhas

Abre a janela. Oh! que manhã tão linda, Esta suave primavera nos deu. Das andorinhas a alegria é vinda, Alguém na vida como elas vivem?

Tristes nas vestes, alegres as almas, Rei-las que passam todas radiantes, As avezinhas de vida tão calma, Uma após outra, mais duas... Amantes!

Eu debruçado na minha janela, Pensando em quante pure e se viver, Pergunte a mim mesmo: Oh, quante de bela

Não seria a vida da humanidade Se todas vissem e que esteu a vêr: Mater o orgulho, o interesse e a vaidade

DE NIZ.

A MISÉRIA

O inverno, este ano não se tem lembrado de quem não tem lar. Maldito frio que éle traz, creva as suas adormidas guerras nos corpos frágeis dos que por sua desdita nada têm com que se aquecer. E os tentos os infelizes feridos os tentos os seres que as mãos do destino lançaram nesta terrível ruína! Mas em 1.º será a sua culpa para assim sofrerem tanto!...

.....
Este lá pensando alguém que, pesadamente caminhada naquela noite de Dezembro. No relógio de Santiago as duas horas tinham batido. E pairava ainda no ar o eco das badaladas. A lua por vèzes espreitava lá das nuvens e a sua luz dava a côr de prata aos flocos da neve de compassados caíam. O chão já coberto dum tapete um tanto espesso era difícil de guer os pés. E o dia seguinte de-certo seria uma ri-zinha canção, para aqueles que a essas horas em fôfos leitos descansaram nos braços de Morfeu. Pois a neve que caía tudo havia de cobrir e bem grande é o prazer de viver nela... com o corpo confortado. Neste momento a lua voltou a lançar uns olhares cá para baixo e derramando a sua luz, uma sombra escura fêz destinguir. Era alguém que estava ali... Uma pobre mulher, coberta dumas vestes se não retas pelo menos mal remendadas e muito fracas, que mal cobriam a sua nudez, estava sentada no chão encostada ao muro que seguia o caminho. Aquellas horas e com aquele frio não estava ali aquela mulher porque queria? Não! Ela contou. Era duma sidade próxima. Trabalhava nos campos mas o inverno dêsse ano não os deixava ocupar da sua faina! E não havendo trabalho não podia haver pão. Tinha muitos filhos e cada tinha que lhes dar. Viera á cidade á procura de alguns proventos com que lhes pudesse matar a fome. Por pouco não ia sendo prês! E como anoiteceu, sem o esperar ali ficou aguardando o dia. O dia! Mas que dia tão encantador devia ser esse para aqu-la pobre mulher! E mesmo assim mas era o frio que mais a atormentava. O que a fazia chorar era a sorte dos seus filhinhos que essas horas estariam gemitos com os estômagos vazios e a pensar na mãe que não voltara. E Deus que não tem compaixão desta miséria! Felizmente que essas palavras encontraram a eco no coração daquele que as escutava, sen se aquele frio não resistiria a pobre alma já quasi morta pela fome e pela desespero!

SEPOL.

"25 de Maio"

Redimam os colegas se dignam colaborar com este numero especial da nossa pequena folha, e favor de entregar os seus trabalhos até dia 20, a-fim de "O Aranhice" e poder vestir nesse dia da festa neve.

A Redacção.

Artes-populares-portuguesa

A arte popular, cuja rusticidade e teledigem peliorémica, nos transporta a um outro mundo; quando temos occasião de admirar a obra do artista desconhecido - o povo.

A sua estetica muito antiga, herdada no sangue é um verdadeiro poema, um hino á natureza. É certo que muitos se sorri julgando-se superiores á artistas que não têm nome e nada valem. Engano e enganados estão os que assim pensam; pois, humilhane-nos se convencerem-nos de que valem mais as nossas concepções artisticas.

Em suas obras; as côres, linhas, figuras, vibram em unisseno.

As artes populares têm como irmã mais velha o traje; éle é a alma da arte duma região, pois nelle ella vive. Portugal, cuja vida varia, inumeras vèzes de norte a sul, variando também os recursos materiais e espirituais indurje variados tra-jes, farnecendo assim inumeras motivos ao artifice português que é na realidade um verdadeiro artista. Na sua ingenuidade se vê a natureza como a seus olhos se apresenta, traduzindo fielmente em seus trabalhos;

Eis a razão de nos sentirmos transportados a um outro mundo quando admiramos as suas obras.

Obras que actualmente, têm tido justo acolhimento; pois o governo, por intermédio da S. P. E. vem a uma série de anos premevendo as exposições de arte popular cuja transcendência é de mais alta importância para a sua divagação; epende-se assim a que a corrente de progresso, que diante de si leva as velhas tradições, leve mais esta, que constitui uma verdadeira fonte de economia nacional.

DESDEM.

Guerra

Palavra que traduz a perturbação e desequilibrio geral da massa humana. Quem não se entristece quando esta palavra atrez nos perturba os sentidos?

A guerra perante o decorrer dos seculos sempre foi cruel, desde que o homem se defendia com uma simples espada até ao trear de canhões.

Sempre trouxe desassessôge, angústia e miséria. Como é dolorosa, suplicante e lugubre quando nos conduz á ruína e á desgraça. Chores e prantos que deixamos em nossas familias e saúdes que levamos para o campo de batalha, mas confiamos em nossa fé e esperança de vencer, de fortificar a nossa Pátria e elevar as nossas almas e por fim o descanso em paz e harmonia juntos dos nossos entes mais queridos. Se a Pátria confia em nos devemos orgulhá-la.

E. & T.